

CURTA-METRAGEM “CUERDAS” E INCLUSÃO: ENSINANDO LÍNGUA ESPANHOLA PARA ALÉM DO CONTEÚDO

Short film “Cuerdas” and inclusion: teaching the Spanish Language beyond content

Márcia Aparecida Silva

Universidade Estadual de Goiás

Raquel Pereira Gonçalves

Universidade Estadual de Goiás

Resumo

O presente trabalho objetiva refletir sobre o uso de curta-metragem para o ensino da Língua Espanhola no que se refere à formação da consciência crítica de alunos do 7º ano do Ensino Fundamental. A pesquisa está inserida no âmbito da Linguística Aplicada Crítica. Para tanto, embasamo-nos teoricamente em Moita Lopes (2006), Penycook (2010) e Bell Hooks (2013), pesquisadores interessados numa linguística voltada para a transformação social. Para realizar a pesquisa, investigamos duas turmas de alunos do 7º ano de uma escola particular do Estado de Goiás, em que ministramos aulas com a temática da inclusão de pessoas com deficiência a partir do curta-metragem *Cuerdas*, um filme de animação que apresenta a relação de amizade estabelecida entre um menino com paralisia cerebral e uma menina determinada a incluí-lo no contexto escolar. A partir das aulas e dos dados coletados, percebemos que os alunos se conscientizam da importância de incluir as pessoas com deficiência, sendo capazes de refletir sobre isso fora da sala de aula também. Com esta pesquisa, esperamos contribuir com outros professores de línguas que desejam tornar a sala de aula um espaço de reflexão crítica, colaborando para a construção de um mundo mais justo por meio de temas que impactam a vida social.

Palavras-chave: Linguística Aplicada Crítica; Curta-metragem; Inclusão.

Abstract

The present work aims to reflect on using short films to teach the Spanish language and foster critical consciousness among 7th-grade students in elementary school. The research is situated within the framework of Critical Applied Linguistics. For this purpose, we are theoretically based on Moita Lopes (2006), Penycook (2010), and Bell Hooks (2013), researchers interested in linguistics focused on social transformation. To carry out the research, we examined two classes of 7th-grade students from a private school in the state of Goiás, where we taught lessons on the theme of inclusion of people with disabilities using the short film *Cuerdas*, an animated movie that presents the friendship between a boy with cerebral palsy and a girl determined to include him in the school environment. From the lessons and the data collected, we observed that the students became aware of the importance of including people with disabilities and were able to reflect on this beyond the classroom. With this research, we hope to contribute to other language teachers who wish to make the classroom a space for critical reflection, collaborating toward the construction of a more just world through themes that impact social life.

Keywords: Critical Applied Linguistics; Short film; Inclusion.

INTRODUÇÃO

É muito comum no ensino de Língua Estrangeira, como inglês ou espanhol, priorizar-se conteúdos puramente linguísticos (aspectos gramaticais e vocabulares), buscando-se métodos e técnicas que auxiliem os alunos em sua memorização, como exercícios de fixação, e/ou tenham como finalidade objetivos comunicativos. O ensino de tais conteúdos e métodos são válidos, uma vez que auxiliam no processo de aquisição da língua-alvo pelo aluno, possibilitando que este possa se comunicar escrita ou oralmente nela. No entanto, centrar-se exclusivamente em elementos linguísticos demonstra uma concepção limitada de língua, uma vez que se ignora a dimensão social da linguagem e o aspecto educativo/formativo do ensino, o que pode tornar o aprendizado pouco significativo e desconectado da realidade.

Por essa razão, a fim de promover a reflexão e a consciência crítica dos alunos, faz-se necessário não apenas ensinar o vocabulário e as regras gramaticais da língua-alvo, mas também utilizá-la para refletir sobre temáticas socialmente relevantes, as quais estão diretamente conectadas com a realidade na qual podemos intervir, tornando o aprendizado, inclusive o linguístico, mais significativo. Entende-se que apenas com essa maneira alternativa de ensino é possível ultrapassar as fronteiras do conteúdo e cumprir com o papel do ensino de formar cidadãos críticos, que reconhecem em nossa sociedade a existência da desigualdade e dos sofrimentos por ela gerados e, assim, se engajam na construção de um mundo mais justo e ético.

Diante dessa problemática, esta pesquisa tem como objetivo geral refletir sobre as possibilidades do curta-metragem para a formação crítica dos alunos nas aulas de Língua Espanhola. Para atingir esse objetivo, definimos os seguintes objetivos específicos: criar roteiros de aula para o ensino de língua espanhola a partir do filme de curta-metragem *Cuerdas*, que aborda a inclusão de pessoas com deficiência; e investigar de que forma o uso do curta, além de proporcionar o aprendizado da língua espanhola, contribuiu sobretudo para desenvolver a consciência crítica dos alunos sobre a temática abordada. Nesse sentido, este trabalho se orientou pela seguinte pergunta de pesquisa: Quais as possibilidades do curta-metragem para a formação crítica dos alunos no ensino de Língua Espanhola?

Este trabalho se justifica, primeiramente, pelo interesse da professora-pesquisadora, autora deste artigo, em extrapolar a fronteira do conteúdo e trabalhar com materiais autênticos cujas temáticas são relevantes socialmente; em especial, pela experiência de ter ministrado um workshop de Inglês em 2019 com um curta que também abordava a inclusão, em que pôde perceber o envolvimento emocional dos alunos com a temática e o material apresentado. Além disso, este trabalho se justifica pelo fato de não haver muitas pesquisas que abordem diretamente sobre este tema na perspectiva da linguística aplicada crítica.

Embora haja pesquisas sobre o uso do curta-metragem nas aulas de língua espanhola, poucos deles abordam a aprendizagem numa perspectiva crítica. A pesquisa de Urzêda-Freitas (2012) se assemelha a esta, pois aborda a aprendizagem de línguas numa perspectiva crítica, porém, aborda

especificamente sobre o ensino de inglês e para alunos universitários. Assim, esta pesquisa pode ser um complemento, uma vez que se centra na língua espanhola para alunos do ensino fundamental e explora especificamente as possibilidades do curta-metragem.

Quanto ao aspecto social, esperamos contribuir para a formação crítica e a reflexão dos alunos, promovendo a valorização das diferenças e uma sociedade, de fato, inclusiva; além de proporcionar a eles um rico aprendizado linguístico, de uma maneira natural e contextualizada. Ademais, esperamos contribuir com outros professores de línguas que desejam tornar a sala de aula um espaço de reflexão crítica, colaborando para a construção de um mundo mais justo por meio de temas que impactam a vida social.

O contexto da pesquisa se trata de uma escola particular do interior do estado de Goiás, em que investigamos especificamente a disciplina de Língua Espanhola, no ano de 2022, sendo os sujeitos da pesquisa alunos do 7º ano desta escola, com idades entre 12 e 13 anos, e a professora da disciplina, autora deste artigo. Para a pesquisa, foram ministradas uma sequência de 4 aulas sobre a temática da inclusão de pessoas com deficiência a partir do curta-metragem *Cuerdas*, um filme de animação que apresenta a relação de amizade estabelecida entre um menino com paralisia cerebral e uma menina determinada a incluí-lo. Para a coleta de dados, utilizamos o diário de campo da professora pesquisadora, os roteiros elaborados para cada aula e as atividades realizadas pelos alunos, as quais consistiram em cinco questões discursivas relacionadas ao que foi trabalhado em sala e à experiência pessoal de cada um.

Para desenvolver o tema, dividimos este artigo em três partes: na primeira parte, discutimos sobre o ensino de línguas na perspectiva da Linguística Aplicada crítica ((Hooks (2013); Moita Lopes (2006); Penycook (2006))), a qual ultrapassa as fronteiras do conteúdo, dando maior visibilidade a temas de relevância social; na segunda parte, discutimos sobre a inclusão de pessoas com deficiência, apresentando as principais leis que amparam esses grupos; e, por fim, analisamos as experiências em sala de aula e as atividades realizadas pelos alunos, relacionando-as com as teorias apresentadas para verificar as contribuições do curta para a formação crítica dos alunos.

Ensino de línguas na perspectiva da linguística aplicada crítica: para além da forma

Quando a Linguística Aplicada surgiu como campo de estudo, sua atenção estava voltada para o processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, com ênfase em aspectos cognitivos, pedagógicos, metodológicos ou puramente linguísticos. Isso fez com que o campo se fechasse em si mesmo, desconsiderando questões relevantes à vida social e, consequentemente, contribuindo para a exclusão de muitos indivíduos. No entanto, diante da necessidade de expandir seus estudos, muitos pesquisadores da área começaram a pensar em questões que saem do escopo do ensino-aprendizagem de línguas, buscando problematizar/ refletir sobre

questões da vida social que envolvem a linguagem, o que fez com que a LA adquirisse um viés mais crítico.

Assim, a Linguística Aplicada Crítica (LAC), inicialmente apresentada por Penycook, surgiu da necessidade de repensar o próprio campo, questionando o que antes havia sido posto como verdade e que gerava muita exclusão. Daí a importância de pensar uma Linguística Aplicada Crítica, a qual é compreendida por Penycook (2006, p.67), numa definição bem simples, “como uma forma de antidisciplina ou conhecimento transgressivo, como um modo de pensar e fazer sempre problematizador”. É importante lembrar também que, segundo o autor, a LAC é muito mais do que a adição de uma dimensão crítica à LA, uma vez que ela possibilita todo um novo conjunto de questões e interesses que não haviam sido considerados de interesse em LA anteriormente, como tópicos que abordam identidade, desigualdade e ética, por exemplo.

Além de Penycook (2006), surgiram muitos outros pesquisadores que também se dedicaram a uma linguística aplicada crítica, como é o caso de Moita Lopes (2006) e Hooks (2013), os quais também embasaram teoricamente este trabalho.

Moita Lopes (2006), assim como Penycook (2006), critica a Linguística Aplicada tradicional por se fechar em seu próprio campo e valorizar apenas vozes de prestígio, defendendo que é preciso produzir conhecimento que considere as Vozes do Sul, termo que ele usa para se referir às pessoas que estão à margem e que geralmente são silenciadas. Desse modo, o pesquisador defende que as teorizações em LA devem sempre considerar o sofrimento das pessoas e o modo como elas vivem suas vidas cotidianas, indo muito além do conteúdo.

Em consonância com os autores supracitados, Hooks (2013), pensadora crítica muito influenciada por Paulo Freire, critica o modelo de educação em que os alunos são consumidores passivos de informação e em que se desconsidera a realidade social, defendendo a educação como transgressão e como prática de liberdade, em que se busca ultrapassar os limites impostos pelo modelo tradicional de ensino. Nesse modelo de educação, que Bell Hooks (2013) chama de pedagogia engajada, busca-se o bem-estar em sala de aula, de modo que esta possa ser um espaço de entusiasmo pelo aprender, conforme relata a autora:

Eu tinha o desejo apaixonado de lecionar de um modo diferente daquele que eu conhecia desde o ensino médio. O primeiro paradigma que moldou minha pedagogia foi a ideia de que a sala de aula deve ser um lugar de entusiasmo, nunca de tédio. E, caso o tédio prevalecesse, seriam necessárias estratégias pedagógicas que intervissem e alterassem a atmosfera, até mesmo a perturbasse. (HOOKS, 2013, p.16)

A pedagogia engajada trazida por Hooks (2013) tem como essência o pensamento crítico, o qual, segundo ela, é pouco encorajado em nossa sociedade, ainda que seja indispensável para o nosso crescimento, afinal, “[...] sem a capacidade de pensar criticamente sobre nosso ser e nossa vida ninguém seria capaz de progredir, mudar, crescer” (HOOKS, 2013, p. 266). Ainda que Hooks apresente um ponto de vista de professora universitária, sua teoria é válida para refletir a educação como um

tudo, em seus mais diferentes níveis. Por essa razão, suas reflexões também contribuem para este trabalho, que se centrou em alunos do Ensino Fundamental.

Um exemplo prático de pesquisa embasada nos pressupostos da Linguística Aplicada Crítica é a de Urzêda-Freitas (2012), que realizou um trabalho no Centro de Línguas da Universidade Federal de Goiás, relacionando o construto pedagogia como transgressão ao ensino de línguas estrangeiras/inglês. Com esse trabalho, o autor buscou analisar as características e as consequências do ensino crítico de língua inglesa no contexto mencionado, propondo um trabalho que busca ir além do ensino da forma, usando a língua inglesa em sala para debater criticamente sobre temas sociais. Para tanto, o professor-pesquisador ministrou aulas críticas em duas turmas de inglês durante o segundo semestre letivo de 2008, as quais foram planejadas e conduzidas em torno de cinco temas principais, entre os quais merece destaque “raça e classe no Brasil”, uma vez que o tema do racismo ganhou grande parte da discussão no trabalho e houve um envolvimento forte dos alunos.

Este trabalho se assemelha à pesquisa de Urzêda-Freitas (2012) por buscar despertar a consciência crítica dos alunos, usando a língua-alvo na sala de aula não por ela mesma, mas para discutir temáticas relevantes socialmente, o que permite aos alunos aprender a língua sem, necessariamente, falar sobre ela. Ainda que muitos possam criticar tal metodologia, alegando que esta poderia prejudicar o aprendizado, ela proporciona o aprendizado da língua de maneira natural e significativa, além de ser motivadora, pois trata de temas que fazem parte da realidade dos alunos, e não apenas de repetições de regras e vocabulário com o intuito de memorização.

Além disso, o presente trabalho pode ser visto como um complemento ao de Urzêda-Freitas (2012), uma vez que foi realizado em um contexto diferente e com sujeitos diferentes. Enquanto Urzêda-Freitas (2012) centrou-se no ensino do inglês no Centro de Línguas da UFG, cujo público é adulto, neste trabalho centrou-se no ensino do espanhol em uma escola regular de ensino, cujo público são crianças e adolescentes, o que exigiu também uma abordagem diferente, uma vez que eles ainda não estão preparados para discutir tais temáticas de modo muito aprofundado. Assim, este trabalho se justifica quando Urzêda-Freitas (2012) reconhece a necessidade de trabalhar com o ensino crítico em contextos diferentes da universidade, conforme afirma Urzêda-Freitas (2012, p. 95)

O desafio que se apresenta agora é investigarmos como essa abordagem pode ser implementada no ensino de inglês e espanhol das escolas regulares brasileiras, públicas e privadas, que são onde milhares de alunos(as) estão se formando não somente para o mercado de trabalho, mas para a vida em sociedade. Aliás, talvez esse seja um dos maiores desafios da Linguística Aplicada no século XXI: (re) descobrir o lugar das aulas e dos(as) professores(as) de LE na construção de um mundo mais democrático e livre.

Diante do exposto, é evidente que o ponto central da Linguística Aplicada Crítica é a problematização de questões referentes à linguagem, buscando sempre transgredir as barreiras do conteúdo. Mas qual a

importância de transgredir? Por que abordar temas sociais, afinal? Há muitas razões para isso. Além do fato de que tais temas estão diretamente relacionados com a realidade, o que lhe dá mais sentido, uma razão muito forte é o fato de que eles geralmente são silenciados. Quando ensinamos línguas, muitas vezes ficamos presos à estrutura e ao vocabulário. Por que não os ultrapassar, utilizando-os apenas como um meio para se discutir e trabalhar temas presentes em nossa sociedade que geralmente são ignorados? Isso é transgredir. Ao realizar o trabalho com o curta, a professora-pesquisadora poderia ter trazido um texto sobre inclusão e pedir apenas informações relacionadas à gramática ou ao vocabulário, mas, em vez disso, propôs reflexão, indo muito além do ensino da forma. Este movimento de ir além é muito importante, tendo em vista que apenas problematizando, questionando e desafiando o que está posto é que se pode, de fato, contribuir para que haja transformação social.

E por que atrelar ensino de línguas com inclusão? Muitas são as temáticas que podem ser abordadas quando pensamos num ensino crítico. Urzêda-Freitas (2012) abordou, entre outros temas, sobre o racismo. E neste trabalho buscamos abordar a inclusão de pessoas com deficiência, que será abordado no próximo tópico.

Um olhar sobre a inclusão de pessoas com deficiência

Por muito tempo, as pessoas com deficiências foram obrigadas a viver isoladas da sociedade. Por serem vistas como defeituosas, sequer podiam participar do meio social. No entanto, a partir de muita luta contra a exclusão e a segregação em que viviam tais pessoas, muitos direitos foram conquistados, os quais estão previstos, dentre outros, principalmente em três documentos específicos: A Declaração Universal dos Direitos Humanos, a Constituição de 1988, e a Declaração de Salamanca.

Segundo o artigo publicado no site Equidade, sobre a história dos direitos das pessoas com deficiência, a partir da década de 1970, a deficiência deixou de ser vista como algo isolado, natural do indivíduo (modelo biomédico da deficiência), e passou a ser compreendida como algo que depende da interação do indivíduo com o meio, percepção que ficou conhecida como modelo social da deficiência, o qual reconhece a responsabilidade da sociedade na eliminação das barreiras que impedem que as pessoas com deficiência sejam incluídas socialmente. Assim, entende-se que é a sociedade que deve se adaptar às deficiências, e não o contrário. Essa mudança de concepção influenciou muitos movimentos de pessoas com deficiências a lutarem por seus direitos, o que fez com que a pauta da inclusão se fortalecesse cada vez mais. Tais movimentos inclusive participaram ativamente no processo de elaboração da nova Constituição brasileira no período de redemocratização do país, reivindicando a inserção dos direitos das pessoas com deficiência no documento. A partir disso, a Constituição Federal de 1988 foi a primeira a reconhecer os direitos das pessoas com deficiências no Brasil, englobando os princípios da igualdade, da dignidade da pessoa humana, da liberdade e da cidadania.

Outro importante documento é a Declaração Internacional de Direitos Humanos, no qual está contida a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2009), principal documento internacional para proteção dos direitos das pessoas com deficiência no mundo. No Artigo 1 desse documento, é apresentado que o propósito da convenção é "promover, proteger e assegurar o exercício pleno e equitativo de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais por todas as pessoas com deficiência e promover o respeito pela sua dignidade inerente." (BRASIL, 2009) Nesse mesmo artigo, é apresentada também a definição de pessoas com deficiência, que "[...] são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas." (BRASIL, 2009)

Com base na Convenção sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência, originou-se também a Lei Federal nº 13.146/2015, que se trata da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, também chamada de Estatuto da Pessoa com Deficiência, a qual, conforme exposto em seu Art. 1, é "destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania." (BRASIL, 2015)

Os três documentos supramencionados apresentam importantes conquistas no que se refere aos direitos das pessoas com deficiência, dentre estes o direito à Educação, que é o tema principal do curto-metragem abordado neste trabalho.

Na Constituição de 88, na seção sobre Educação, art. 208, defende-se que o Estado deve garantir o "atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência preferencialmente na rede regular de ensino." Embora o uso do termo "preferencialmente" deixe em aberto a possibilidade de incluir ou não as pessoas com deficiência nas escolas regulares de ensino, tal garantia na lei permitiu que tais pessoas tivessem mais visibilidade, pois antes as pessoas com deficiência eram vistas como menos capazes, sendo segregadas em escolas de ensino especial, privando-as do convívio social. Assim, apesar dessa limitação, o fato de terem incluído isso já representou um avanço.

A Declaração de Salamanca, que é um dos documentos mais importantes para a promoção da educação inclusiva em todo o mundo, surgiu a partir da Conferência Mundial sobre Educação Especial, que foi realizada na cidade de Salamanca, na Espanha, em 1994. Tal documento estabelece o direito à educação inclusiva com base no princípio da igualdade, defendendo uma educação de qualidade para todos os indivíduos e tendo como princípio o acolhimento de um público diversificado no sistema de ensino, independentemente de suas características físicas, intelectuais, culturais, sociais ou linguísticas, dentre outras. A publicação deste documento contribuiu muito para a evolução da educação inclusiva no mundo.

Diante do fato de que a educação é um direito da pessoa com deficiência, o Estatuto da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2015), assegura a educação de qualidade à pessoa com deficiência por meio da

promoção de sistema educacional inclusivo em todos os níveis e modalidades e aprendizado ao longo de toda a vida, protegendo-a de toda forma de violência, exclusão e discriminação. Neste documento também é apresentado como responsabilidade do poder público a garantia do aprimoramento dos sistemas educacionais de ensino por meio da oferta de serviços e recursos de acessibilidade que eliminem as barreiras e promovam a inclusão plena, além da institucionalização do atendimento especializado e demais serviços e adaptações necessários para atender às características dos estudantes com deficiência e garantir seu pleno acesso ao currículo de forma igualitária.

Diante do exposto, é possível perceber que as pessoas com deficiência historicamente tiveram muitos de seus direitos negados, e ainda hoje enfrentam muitas barreiras para serem efetivamente incluídas na sociedade e no ambiente escolar, sendo muitas vezes tratadas como invisíveis e tendo suas potencialidades ignoradas. Além disso, é importante lembrar que a principal barreira enfrentada pelas pessoas com deficiência é a discriminação, a qual é resultado do preconceito de que estas pessoas são menos capazes de aprender e podem atrasar o aprendizado dos demais alunos. No entanto, a educação inclusiva pode trazer benefícios tanto para a pessoa com deficiência quanto para a educação como um todo, o que exige que a escola hoje se prepare para acolher as diferenças e receber um público diversificado. Mesmo diante da importância dessa discussão sobre a inclusão de pessoas com deficiência, ela ainda costuma ser negligenciada, o que explica talvez os muitos preconceitos existentes em torno desse assunto.

Por esses motivos, é de suma importância incluir nas aulas a temática da inclusão de pessoas com deficiência, mesmo que numa determinada sala de aula não haja nenhum aluno com deficiência, pois se trata de uma realidade presente direta ou indiretamente em nossas vidas, afinal, convivemos em sociedade e é necessário criar empatia nos alunos. Ao promover essa discussão, também estamos incluindo, uma vez que estamos valorizando e dando visibilidade a essa questão; e fazer isso por meio do ensino de línguas é ainda mais rico, pois torna a aprendizagem da língua-alvo mais significativa. E é isso que foi buscado neste trabalho.

Passamos, neste momento, a descrever a metodologia.

Metodologia

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, uma vez que não busca mensurar dados, e sim refletir sobre eles. Neste tipo de pesquisa, como afirma Flick (2004): “As subjetividades do pesquisador e daqueles que estão sendo estudados são parte do processo de pesquisa.” (Flick, 2004, p. 22). “A pesquisa qualitativa é orientada para a análise de casos concretos em sua particularidade temporal e local, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais” (Flick, 2004, p. 28). Ainda segundo o autor, a pesquisa qualitativa apresenta uma variedade de abordagens e métodos, e dentro desta, a presente pesquisa se encaixa no estudo de caso.

Mais especificamente, trata-se de um estudo de caso intrínseco, o qual, segundo Stake (1995), pode ser entendido como um estudo mais elaborado sobre alguma questão que surge em sala de aula e que nos impulsiona a respondê-la ou quando buscamos avaliar algum procedimento ocorrido em sala de aula. No caso dessa pesquisa, trata-se de um estudo intrínseco, porque é um estudo aprofundado sobre um ponto específico numa turma específica, designadamente sobre o uso do curta-metragem para a formação da consciência crítica no 7º ano.

O contexto da pesquisa se trata de uma escola particular do interior do estado de Goiás, em que investigamos, no mês de junho de 2022, a disciplina de Língua Espanhola, a qual é ministrada regularmente duas vezes por semana, com a duração de 50 ou 45 minutos, dependendo do horário. Os sujeitos da pesquisa são duas turmas de 7º ano desta escola, compostas por 15 alunos cada uma, com idades entre 12 e 13 anos; e a professora da disciplina, autora deste artigo.

Para a pesquisa, foram ministradas uma sequência de 4 aulas sobre a temática da inclusão de pessoas com deficiência a partir do curta-metragem *Cuerdas*. Trata-se de um filme de animação espanhol, com duração de 10 minutos, criado por Pedro Solís, que apresenta a relação de amizade estabelecida entre um menino com paralisia cerebral e uma menina, María, determinada a incluí-lo no ambiente escolar. A paralisia cerebral se trata de uma lesão neurológica que afeta principalmente os movimentos, no caso do personagem do curta afeta os membros inferiores e superiores, o que faz com que ele necessite sempre da cadeira de rodas e do cuidado de terceiros. O curta foi inspirado na relação entre o filho do diretor, Nicolás, e sua irmã Alejandra, que sempre o aceitou como era e fez de tudo para que seu irmão fosse incluído e vivesse uma vida plena, assim como fez María. O menino, que não apresenta um nome no curta, tornou-se assim reconhecido por Nico.

Para promover o ensino crítico, as aulas foram desenvolvidas em etapas. Assim, antes da apresentação do curta-metragem, que foi o ponto central da pesquisa, a professora-pesquisadora abordou nas duas primeiras aulas a temática da inclusão de pessoas com deficiência, utilizando também outros vídeos como recurso, todos em espanhol.

Na primeira aula, realizada no dia 08 de junho, a professora discutiu sobre a inclusão de pessoas com deficiência, que é o tema central do curta-metragem. Tal discussão foi feita a partir da exibição de um vídeo intitulado “Lo Incorrecto - Una nueva mirada hacia la discapacidad”, o qual permitiu que os alunos refletissem sobre o modo como as pessoas com deficiência geralmente são tratadas e o modo como gostariam de ser tratadas: com normalidade, naturalidade e respeito. Após a exibição do vídeo, a professora propôs que refletissem sobre ele oralmente, por meio das seguintes perguntas (presentes no material impresso entregue a eles): ¿Qué es discapacidad? ¿Cuáles tipos de discapacidades aparecen en el vídeo? ¿Cómo las personas del vídeo desean ser tratadas? ¿Sueles respetar a las personas que tienen algún tipo de dificultad o discapacidad? ¿Ya has tenido algún amigo con alguna discapacidad? ¿Haces lo posible para dejar a una persona feliz, ayudándola a vencer sus dificultades? ¿Qué sabes con respecto a la inclusión? E a reflexão principal, também feita oralmente, foi: Como olhamos para as

pessoas com deficiência? Que atitudes tomamos para incluí-las no entorno escolar? Após esse momento, a professora apresentou aos alunos vocabulário relacionado à temática da deficiência e inclusão, também disponível no material impresso. E propôs que fizessem os exercícios em casa, como forma de fixá-los. Mesmo que o aprendizado estrutural não fosse o objetivo central, ele também foi importante.

Na segunda aula (13/06), a professora comentou coletivamente as atividades que foram solicitadas para casa e revisou com as turmas o vocabulário aprendido em espanhol sobre inclusão e os tipos de deficiência. Em seguida, conversou com a turma sobre a paralisia cerebral, visto que é a deficiência apresentada pelo personagem protagonista do curta que seria exibido, explicando do que se trata e como ela afeta a vida da pessoa que a tem. Como forma de refletir sobre o tema de um modo mais interessante e visando despertar a sensibilidade dos alunos, a professora utilizou um filme de curta-metragem intitulado Ian, o qual não possui diálogos. A principal questão discutida com o filme foi: “Qual a principal barreira enfrentada por Ian no curta? É a sua deficiência ou a discriminação da sociedade?”

Na terceira aula (15/06), foi iniciada a discussão sobre o curta sem, contudo, apresentar o vídeo ainda. Por meio do material impresso preparado para essa aula, o qual continha também a capa do curta-metragem, sua sinopse e informações técnicas sobre ele, a professora questionou os alunos sobre o curta, estimulando-os a prever/antecipar do que este se tratava, com o objetivo de despertar a curiosidade deles. Foram feitas as seguintes perguntas: ¿Te gusta ver películas o ir al cine? ¿Conoces al género cortometraje? ¿Qué piensas al leer el título de ese cortometraje? ¿Por qué crees que el corto se llama “Cuerdas”? ¿Cómo imaginas que sea esa historia? ¿Cómo son los personajes? ¿Qué sabes con respecto a la inclusión? ¿Y sobre la educación especial? Em seguida, a professora solicitou que alguns alunos fizessem a leitura da transcrição dos diálogos do curta com eles para que aprendessem o vocabulário e compreendessem a história em espanhol. A transcrição, propositalmente, não estava completa. O texto foi encerrado na parte em que María encontra a cadeira de Nicolás vazia no corredor e escuta as crianças que jogavam futebol do lado de fora comemorando, e ela fica muito feliz e entusiasmada por acreditar que foi ele quem fez o gol. Após a leitura da transcrição, a professora solicitou que os alunos previssem qual seria o desfecho. Por que a cadeira de rodas estava vazia? Nico havia aprendido a andar mesmo, como María pensou?

Na quarta aula, a professora retomou o que se lembravam sobre a história que haviam lido na aula anterior e exibiu o curta na íntegra. Em seguida, entregou papezinhos numa caixinha, onde se encontravam perguntas sobre o filme. Cada aluno deveria pegar uma pergunta e respondê-la na frente da turma. A ideia é que respondessem o máximo possível em espanhol. Ao final da aula, a professora apresentou a proposta de trabalho para eles: responder 5 questões referentes ao filme e fazer um desenho sobre o que havia tocado o coração deles.

Para a coleta de dados, utilizamos o diário de campo da professora pesquisadora, os roteiros elaborados para cada aula e em três das

cinco questões discursivas solicitadas a eles como atividade, as quais foram selecionadas considerando o fato de serem mais reflexivas.

Passamos, neste momento, para a análise dos dados.

ANÁLISES - OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA: MOMENTO DE INTERAÇÃO

Iniciamos nossa análise lançando um olhar para os diários de campo, os quais revelam que a inserção em sala de aula do curta-metragem e da temática sobre a inclusão de pessoas com deficiência gerou uma mudança na rotina dos alunos, pois eles se demonstraram mais participativos e atentos desde o momento em que a proposta foi apresentada a eles. Além disso, pelos muitos questionamentos, demonstraram curiosidade e interesse, o que pode ter sido ocasionado pelo fato de se tratar de um curta-metragem, que é uma linguagem fílmica que faz parte do cotidiano deles, inclusive alguns já conheciam o curta. Com base nos comentários deles, pode ter sido também pelo fato de trabalharmos um tema fora do livro didático.

Na primeira aula, a partir da exibição do vídeo “Lo Incorrecto - Una nueva mirada hacia la discapacidad”, foi possível discutir com os alunos de forma leve e interessante a temática da inclusão de pessoas com deficiência. O vídeo apresenta, inicialmente, a encenação de um homem sem deficiência que vivencia a experiência de ser tratado com estranheza e indiferença, tratamento que geralmente é destinado às pessoas com deficiência. Essa parte do vídeo chamou bastante a atenção dos alunos, pois, por um momento, eles pensaram que o homem fosse surdo, e levaram um tempo para perceber que ele não tinha nenhuma deficiência e estava apenas vivendo a experiência de ser tratado como se tivesse uma, para que sentisse como é ser uma pessoa surda, cadeirante, cega.

Posteriormente, o vídeo apresenta pessoas com diferentes deficiências (visual, auditiva, física etc.) falando sobre o modo como são geralmente tratadas e como se sentem com relação a isso. Os alunos fizeram muitos questionamentos, se mostrando interessados e curiosos, e por meio da análise do vídeo, puderam refletir sobre a importância de tratar as pessoas com deficiência com naturalidade e normalidade, inclusive no momento em que tentamos ajudar, cientes de que precisamos sempre verificar se elas precisam mesmo de nossa ajuda, em vez de agir de modo invasivo, o que as leva a se sentirem inferiores e incapazes de agir por si mesmas. Neste momento, também foi possível falar sobre a importância da acessibilidade e esclarecer termos como “surdomudo”, que é utilizado de forma errônea e o uso do termo “anormais”, que foi utilizado por uma aluna ao se referir às pessoas com deficiência. Nesse momento, eles relataram também sobre pessoas com deficiência que conheciam, uma aluna inclusive mencionou um amigo surdo com quem se comunicava por bilhete. O vídeo também parece ter funcionado como um motivador, pois os alunos se interessaram pela aprendizagem do vocabulário relacionado à temática, como os termos “silla de ruedas”, “prejuicio”, “personas con discapacidad”, entre outros.

Na segunda aula, muitos deles haviam feito as atividades de vocabulário enviadas para casa e se lembravam da maioria das palavras

do vocabulário aprendidas na primeira aula. Após este momento, com a exibição do curta “Ian” foi possível abordar o que era a paralisia cerebral, deficiência apresentada pelo protagonista do curta *Cuerdas*, e também sobre a principal barreira enfrentada pelas pessoas com deficiência. Muitos deles não sabiam exatamente o que era a paralisia cerebral e também não perceberam inicialmente o que fazia com que o menino com paralisia cerebral fosse lançado metaforicamente para longe dos outros. Apesar de não possuir diálogos, o curta chamou bastante a atenção dos alunos, que ficaram maravilhados com a expressividade da animação e se sentiram realmente sensibilizados com o Ian, ao ponto de se irritarem com as crianças que o discriminaram e comemorarem o momento em que todos se uniram para ajudá-lo.

De forma metafórica, eles conseguiram perceber que a principal barreira enfrentada por Ian não era sua deficiência, e sim a discriminação das pessoas, que o excluía das brincadeiras junto com as demais crianças, fazendo com que se sentisse isolado e sozinho. Por outro lado, também puderam ver o protagonismo de Ian que, com força e determinação, não se conformou com sua situação e agiu para que fosse visto pelos outros como alguém capaz.

Na terceira aula, ao apresentar a capa do curta e suas informações técnicas, estimulando-os a prever do que se tratava, os alunos se mostraram ainda mais curiosos para assistir. Alguns pensaram que María seria uma menina com deficiência, outros já haviam assistido o curta, e a estes a professora solicitou que não revelassem detalhes sobre o curta; eles apenas expressaram o quanto gostaram dele. E aproveitou também para refletir com eles sobre a inclusão e a educação especial, explicando do que se tratava cada termo. Durante a leitura da transcrição, muitos alunos queriam participar e ler. Eles acompanharam a leitura, imaginando a história com muito interesse, como se já estivessem assistindo ao filme. Como a transcrição não estava completa, o fato de terem que prever o desfecho, também parece ter aumentado a curiosidade deles. Por que a cadeira de rodas estava vazia? Uns pensaram que ele realmente tinha aprendido a andar, outros pensaram que ele apenas havia ido ao hospital.

Na quarta aula, que era o momento mais esperado por eles, a professora finalmente exibiu o curta-metragem na íntegra, o qual foi o principal material das aulas, tendo sido escolhido pelo fato de que os alunos poderiam se identificar, tendo em vista a faixa etária deles e o tipo de linguagem, além de apresentar o tema de uma forma sensível, o que possibilitaria que os alunos se envolvessem emocionalmente com a temática e, assim, pudessem realmente refletir sobre ela. O curta conta a história de María, uma menina que vivia num orfanato, e a amizade que ela cria com seu novo colega de classe Nicolás, um garoto com paralisia cerebral. Assim que o menino entrou na sala de aula, María já sentiu vontade de conhecê-lo, ao contrário dos demais colegas, que o trataram com indiferença e desprezo. No recreio, ao perceber que ele estava sozinho, quis lhe fazer companhia e interagir com ele. Ela nunca olhou para a deficiência do menino como algo que pudesse limitá-lo, assim, procurava sempre adaptar as brincadeiras para que ele também pudesse participar. Tendo em vista que Nico não podia se movimentar, María o

incluía amarrando uma corda nele e em si mesma, ajudando-o a realizar todas as brincadeiras que normalmente ele não poderia participar, como o futebol, por exemplo, que foi o que mais chamou a atenção dos alunos. A maior lição é que María, com toda sua pureza de criança, ao tratar o menino como um igual, deu um exemplo do que é verdadeiramente incluir.

Os alunos acompanharam o curta com bastante interesse e atenção redobrada na parte em que María encontra a cadeira de rodas de Nico vazia e pensa que seu amigo havia aprendido a andar como ela havia sonhado. No entanto, acabou ouvindo a conversa entre a diretora da escola e os pais de Nico, e soube que seu amigo havia falecido, o que a deixou profundamente triste. Muitos deles não esperavam que ele tivesse mesmo falecido, mas parecem ter sentido o impacto da amizade de María, que decidiu se tornar professora de outras crianças como Nico no futuro, e mesmo depois de muitos anos manteve amarrada no pulso a corda que usava para brincar com ele.

Após a exibição do curta, cada um devia ir à frente para responder perguntas sobre o filme, as quais foram previamente elaboradas pela professora. Alguns responderam em português, outros mesclaram as duas línguas, aproveitando o vocabulário que haviam aprendido. O intuito desse momento foi o de valorizar a participação de cada um, uma vez que “Fazer da sala de aula um contexto democrático onde todos sintam a responsabilidade de contribuir é um objeto central da pedagogia transformadora”. (HOOKS, 2013, p. 56) Além do fato de que “O ato de ouvir coletivamente uns aos outros afirma o valor e a unicidade de cada voz. Esse exercício ressalta a experiência sem privilegiar as vozes dos alunos de um grupo qualquer.” (HOOKS, 2013, p.114)

Embora o curta-metragem principal tenha sido exibido apenas na terceira e quarta aulas e a exibição deste tenha sido o momento mais esperado pelos alunos, eles também se demonstraram interessados nas aulas antecedentes, pois sabiam que tudo o que estavam aprendendo tinha uma conexão com o curta que iriam assistir, além de se tratar de um tema não muito refletido por eles em sala de aula. Desse modo, a experiência de trabalhar a temática da inclusão de pessoas com deficiência por meio do curta-metragem, e de maneira progressiva, demonstrou ser uma ótima possibilidade, visto que manteve os alunos sempre motivados e interessados em descobrir o que viria a seguir. Outro ponto importante observado durante as aulas é que algumas alunas se emocionaram com a exibição do curta, e isso demonstra que se identificaram e que foram capazes de se sentir na pele de outra pessoa. Essa sensibilidade que a arte é capaz de despertar demonstra o seu valor no ensino-aprendizagem, uma vez que ensina muito mais do que memorização mecânica de regras gramaticais e vocabulário, muitas vezes desconectada da vida dos alunos.

Análise das questões discursivas

Para facilitar a análise das 5 questões discursivas propostas a eles, escolhemos 3 delas (questões 2, 4 e 5), por serem as mais subjetivas e reflexivas, e selecionamos as respostas em que os alunos melhores refletiram sobre elas. Utilizamos nomes fictícios para preservar a identidade dos alunos. Apresentamos na tabela a seguir as respostas em

que percebemos que os alunos conseguiram refletir sobre as questões propostas:

Quadro 1 - Perguntas feitas aos alunos

2. ¿Qué más ha tocado tu corazón al ver el cortometraje? ¿Por qué?
Juan: Que a María le haya dejado de lado siendo raro con una discapacidad y empiece a hablar con él jugando con él le ponga una cuerda en el pie y le ate la mano siga tirando para que ele pateee el balón y haga el gol. Lupita: El hecho de que has los amigos de María decían que era rara por tratar de jugar con el niño, ella nunca dejo de ayudarlo. Luna: Lo que más me conmovió fue que cuando el niño estaba enfermo a María no le importaba no ir a jugar con sus amigos y le hacía compañía. Marisol: Lo que más me tocó el corazón fueron los niños que se burlaban de él y se reían de él chico que tenía una discapacidad en lugar de ir a jugar o hablar con él como hacía María, y eso no ayudaba a que se sintiera “normal” como los demás niños.

Fonte: das autoras (2024).

É importante mencionar que esses excertos foram selecionados por serem representativos, pois quase todos tiveram a mesma opinião. Como pode ser observado na tabela, o que mais tocou o coração dos alunos ao assistir o curta-metragem foi o modo como Maria tratou Nicolás. É possível perceber também o quanto a personagem María encantou os alunos, pois todos a mencionaram. Esse encantamento por María é muito importante, pois ela é um exemplo de alguém que age de modo inclusivo. Mesmo sendo diferente por causa de sua deficiência, María sempre o tratou com normalidade e dignidade, respeitando sua diferença e, ao mesmo tempo, valorizando seu potencial. Ela o tratou não como alguém que precisava de sua ajuda simplesmente, mas como um igual, um amigo, alguém que também podia participar e tinha algo para oferecer. Ao mesmo tempo, não ignorou suas características particulares, buscando maneiras de adaptar as brincadeiras para que ele fosse verdadeiramente incluído.

É interessante notar nas respostas selecionadas que também chamou a atenção dos alunos a determinação de María em tentar incluí-lo, mesmo diante da grande limitação física de Nico, que o impedia de movimentar por conta própria a maior parte de seu corpo e dos comentários de seus amigos que a chamavam de estranha. Lupita também diz ter se comovido com o fato de Maria não se importar em permanecer em sala e fazer companhia a Nico no dia em que ele estava doente, em vez de sair para brincar com seus outros amigos. Isso retoma a ideia de que a deficiência é apenas uma característica do indivíduo, e que as verdadeiras barreiras que impedem a inclusão das pessoas estão no meio. A Lei n. 13146/2015 define barreiras como qualquer obstáculo, atitude ou comportamento que limite ou impeça, entre vários outros direitos, a participação social de uma pessoa (BRASIL, 2015). A referida lei apresenta seis classificações de barreiras, sendo uma delas as barreiras atitudinais, que se referem principalmente a atitudes de preconceito e discriminação, a qual é a principal barreira que María busca eliminar ao se relacionar com seu amigo Nico, uma vez que ela sempre buscou acolhê-lo e nunca o subestimou ou excluiu por ser diferente.

Quadro 2 - Perguntas feitas aos alunos

4. ¿Tú piensas que la inclusión es algo bueno? ¿Y la educación especial? Comenta tu opinión.

Juanita: Sobre la inclusión, creo que fue algo bueno para María y las otras personas, ya que ella estaba allí para ayudar. Sobre la educación especial, no estoy tan de acuerdo. Es como si nos estuviéramos separando en dos grupos: Los normales, sin educación especial, y los anormales, con educación especial.

Lola: Sí, sí, porque toda persona merece ser tratada con cortesía incluso si tiene una discapacidad, porque sigue siendo una persona.

Santiago: Sí, yo creo que los dos son buenos, porque cuando incluyes a alguien, lo estás tratando como a todos los que están allí, y no pretendes que esa persona no existe. La educación especial es importante para los niños que no tiene padre o porque el padre no tiene dinero y también es importante para los niños con discapacidad, ya que allí recibirán todo el cuidado y la educación que necesitan.

Yago: Creo que la inclusión es algo muy importante para la adaptación de personas especiales que muchas veces se sienten solas en momentos de pérdida de alguien.

Fonte: das autoras (2024).

Todos os alunos reconheceram a inclusão como algo bom, possivelmente por causa das discussões e, principalmente, por causa da relação de amizade estabelecida entre María e Nicolás, que tanto lhes chamou a atenção e comoveu. No entanto, é possível notar também que muitos deles não compreenderam claramente a diferença entre inclusão e educação especial, pois apresentaram os dois termos como se fossem sinônimos. A educação especial é uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis, etapas e modalidades de ensino e, entre outros, realiza o atendimento educacional especializado, o qual tem o objetivo de complementar e/ou suplementar a formação dos alunos com necessidades específicas a fim de que desenvolvam sua autonomia e independência na escola e fora dela, não sendo substitutivo ao ensino regular. Historicamente, a educação especial era realizada apenas em escolas específicas para alunos com deficiência ou outros que não se encaixassem dentro de um padrão de normalidade, sendo substitutiva ao ensino comum, o que gerava segregação (BRASIL, 2008). Embora esse tipo de segregação ainda exista, ela é contrária à lei. A Inclusão, por outro lado, visa principalmente que a pessoa com deficiência possa participar plenamente da sociedade e, por isso, na educação inclusiva, os alunos com e sem deficiência têm a oportunidade de conviverem juntos em um sistema regular de ensino. Além disso, esta última, conforme previsto na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2015) e como foi supramencionado, também deve oferecer atendimento especializado como uma forma de garantir que o aluno com deficiência também possa ter suas necessidades específicas respeitadas.

O comentário de Juanita demonstrou muita maturidade, pois ao dizer que a inclusão foi algo bom para María e para as outras pessoas, possivelmente ela reconhece que incluir uma pessoa com deficiência é benéfico também para as pessoas sem deficiência, uma vez que estas têm a oportunidade de conviver com as diferenças, aprendendo a ser mais humanas, solidárias, empáticas e criativas. A aluna também afirma que não concorda muito com a educação especial, pois, em sua percepção, é

como se estivéssemos nos separando em dois grupos: os “normais” (sem educação especial) e os “anormais” (com educação especial). Com este comentário, Juanita demonstra ter percebido que colocar as crianças com deficiência exclusivamente em instituições de ensino especial é uma forma de segregá-las, tratando-as como se não fossem pessoas, e que o ideal mesmo é que elas possam ser incluídas na rede regular de ensino, ao mesmo tempo em que lhes é oferecido também atendimento educacional especializado. Infelizmente, não é a realidade da maioria de nossas escolas, mas é algo que deveria ser implementado para de fato respeitar a dignidade das pessoas com deficiência.

No comentário de Juanita também chama a atenção a menção aos termos “anormal” e “normal”. Ela compreende que tais termos são negativos, pois pressupõem que as pessoas com deficiência são anormais e que, por isso, devem ser separadas das pessoas sem deficiência. No entanto, alguns alunos utilizaram o termo “normal” para se referir às pessoas sem deficiência, o que é algo recorrente no dia a dia. Ainda que o termo normal pareça inofensivo, uma vez que se refere a algo que é natural, convencional e que não foge a um padrão, o seu uso para se referir a pessoas é inadequado, pois pressupõe que as pessoas com deficiência são anormais, o que contribui para que sejam excluídas. Plaisance (2015), inclusive, afirma que o uso da designação “anormal” para se referir às pessoas com deficiência, assim como “retardado”, “débil”, “incapaz” e “inválido”, por exemplo, que já foram muito utilizadas, subentendem obstáculos insuperáveis para a educação, para o trabalho e a vida cotidiana destas.

O comentário de Lola expressa a compreensão de que devemos ver o outro como um igual, afinal, independentemente de ter uma deficiência, que é apenas uma característica, ele é uma pessoa em primeiro lugar. Por essa razão, muitos termos que antes eram utilizados para se referir às pessoas com deficiência não devem mais ser utilizados. Um exemplo é o termo “deficiente”, que enfatiza a deficiência, colocando-a acima da pessoa, o que também contribui para que haja preconceito e discriminação.

Assim como Lola, Santiago também percebe a inclusão como algo que permite que a pessoa com deficiência seja vista com igualdade, sendo vista e notada, diferentemente do que geralmente acontece, em que são tratadas como se não existissem. Em seu comentário, Santiago demonstra uma forma de tratamento que geralmente incomoda as pessoas com deficiência: serem totalmente ignoradas, o que faz com que se sintam invisíveis e sem importância. Isso foi apresentado no primeiro vídeo e talvez as respostas deles sejam fruto das reflexões e discussões feitas em sala.

Quadro 3 - Perguntas feitas aos alunos

5. ¿Conoces a alguna persona con discapacidad? ¿Cuál es tu relación con esta persona? ¿Qué haces o podrías hacer para incluirla?

Pablo: sí, trato ella como las otras personas, ayudar a la población a entender que son personas como nos assim tratando ellas como trata a las personas.

Lola: Sí, muchas, son personas que veo de vez en cuando, trata a la persona normal como tratas a otras personas, ten respeto y no mires fijamente a la persona todo el tiempo.

Marisol: No conozco a ninguna persona con discapacidad, pero cuando veo a uno lo trato con respeto y cortesía, no subestimo su inteligencia, si veo que necesita ayuda te la pido, no lo ignores.

Santiago: Sí, lo conozco es un amigo mio, es ciego y siempre le hablo cuando nos vemos ya que vive en otra ciudad, pero siempre incluyo en conversaciones y en juegos que podemos incluirlo como piedra, papel, tijeras.

Dulce: Sí, mi prima es autista y mi relación com ella es muy buena, juego e interactúo mucho com ella y no veo ningún problema en que tenga una discapacidad.

Fonte: das autoras

Pelas respostas, é possível notar que a maioria dos alunos conhecem ou, ao menos, convivem com uma pessoa com deficiência, o que reforça a importância de se refletir sobre essa temática em sala de aula. Além disso, é importante mencionar que houve uma pluralidade de respostas a essa questão, em que os alunos apresentaram diferentes tipos de deficiência.

Pablo e Lola afirmam que conhecem pessoas com deficiência e destacam que para incluí-las é importante tratá-las com normalidade, assim como tratamos qualquer outra pessoa. Lola também afirma que é preciso ter respeito e não olhar fixamente para uma pessoa com deficiência o tempo todo, ensinamento que ela pode ter recebido em casa e que também foi refletido em sala a partir da exibição do primeiro vídeo, no qual as pessoas com deficiência falam sobre o modo que gostariam de ser tratadas, destacando a naturalidade.

Marisol, embora tenha dito que não conhece nenhuma pessoa com deficiência, afirma que quando se encontra com uma, a trata com respeito e sempre oferece ajuda, caso seja necessário. Além disso, afirma que não subestima sua inteligência, o que reflete a discussão feita em sala sobre o fato de que ter uma deficiência não torna ninguém menos capaz. Na verdade, uma pessoa com deficiência pode desempenhar determinadas funções de modo melhor que uma pessoa sem deficiência.

A partir das respostas selecionadas, os alunos demonstram a consciência de que é importante tratar as pessoas com deficiência com normalidade, sem ignorar suas particularidades, procurando maneiras de sempre realizar adaptações no meio ou no modo de interagirmos como forma de eliminar barreiras e incluí-las, como é o caso de Santiago, que afirma brincar de Pedra, Papel ou Tesoura com seu amigo cego, como forma de incluí-lo.

Ademais, por mais que não houvesse nenhum aluno com deficiência na sala, é possível perceber que a maioria dos alunos conhecem e/ou convivem com alguma pessoa com deficiência, uma vez que possuem amigos ou familiares com essa característica, sendo capazes de relacionar as aulas com seu cotidiano. Isso reforça ainda mais a importância de refletir sobre essa temática, pois trazer para a sala de aula questões sociais e que fazem parte do contexto dos alunos faz com que a aula se

torne mais significativa, além de possibilitar que os alunos ajam com mais consciência inclusiva no meio do qual fazem parte. É justamente essa a perspectiva da LAC, que vê o ensino de línguas não como o ensino de conteúdos estruturais, mas que tem o objetivo de ensinar conteúdos de cunho social, ensinar o aluno a refletir, acima de tudo, assim como defende Hooks (2013) em seu modelo de pedagogia engajada e Urzêda-Freitas (2012) com seu trabalho no Centro de Línguas.

A partir da observação das aulas e das atividades propostas aos alunos, foi possível perceber que a sequência de aulas com o curta-metragem contribuiu, de um modo geral, para a formação crítica dos alunos. Ainda que alguns alunos não tenham conseguido refletir muito profundamente, o que foi possível perceber pela superficialidade das respostas, estes foram uma minoria e, ainda assim, demonstraram-se mais interessados e participativos do que nas aulas regulares acompanhadas do livro didático. Isso reforça a afirmação de Moran (2015) de que a aprendizagem é mais significativa quando as atividades que propomos aos alunos estão alinhadas com suas motivações profundas e quando eles se engajam em projetos criativos e socialmente relevantes. Assim, o ensino precisa sempre considerar a realidade do aluno, sendo o desafio da escola “[...] capacitar o aluno a dar sentido às coisas, compreendê-las e contextualizá-las em uma visão mais integradora, ampla, ligada à sua vida” (Moran, 2015, p. 32).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo geral refletir sobre as possibilidades do curta-metragem para a formação crítica dos alunos nas aulas de Língua Espanhola. A partir das observações das aulas e das respostas dadas pelos alunos na atividade proposta sobre o curta-metragem *Cuerdas*, foi possível perceber que tal objetivo foi atingido, uma vez que o uso do curta-metragem para discutir sobre a inclusão de pessoas com deficiência nas aulas de espanhol possibilitou a eles refletir sobre algo que geralmente não refletem, despertando a consciência crítica. Além disso, o curta despertou o interesse e curiosidade deles, o que também os motivou a aprender a língua de modo natural e significativo.

Embora este trabalho não tenha se tratado de uma pesquisa tão crítica, considerando as teorias apresentadas por Hooks (2013), talvez ele represente um caminho nessa direção, principalmente ao considerarmos o fato de que teve como alvo crianças e adolescentes, o que exige uma abordagem diferente e adaptada para este público.

Além disso, para a realização de trabalhos futuros, é importante considerar a necessidade de trabalhar de forma mais aprofundada e sistemática sobre termos inadequados utilizados para se referir às pessoas com deficiência, bem como sobre a diferença entre educação especial e inclusiva. Afinal, apesar de a professora pesquisadora ter discutido com os alunos sobre isso, o tema parece não ter sido abordado de maneira tão profunda, pois alguns alunos parecem não ter compreendido claramente.

Ainda assim, a realização deste trabalho demonstrou ser frutífera, tendo em vista que a maioria dos alunos, apesar da pouca idade, conseguiu refletir sobre a temática por meio da língua-alvo, demonstrando-se interessados e envolvidos. Portanto, acreditamos que esta pesquisa pode beneficiar outros professores de línguas materna e estrangeira que desejam usar a língua para discutir temáticas de relevância social, tornando a sala de aula um espaço de reflexão crítica e, consequentemente, contribuindo para a promoção de um mundo mais justo e humano.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto nº 6.949**, de 25 de agosto de 2009. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. Brasília: DF, 2009.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília, 2008. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducspecial.pdf>>. Acesso em: 01 abr. 2023.

BRASIL. **Lei nº 13.146**, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm >. Acesso em: 30 de mar. 2023.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

HOOKS, B. et al. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

MOITA LOPES, L. P. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. (org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, p. 85-107, 2006.

MORAN, J. Educação Híbrida: Um conceito-chave para a educação, hoje. In: **Ensino híbrido: Personalização e tecnologia na educação**. BACICH, L.; NETO, A. T.; TREVISANI, F. de M. (Orgs). Porto Alegre: Penso, 2015.

PLAISANCE, E. Da educação especial à educação inclusiva: esclarecendo as palavras para definir as práticas. **Educação**. Porto Alegre, Porto

Alegre, p. 230-238, maio 2015. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-25822015000200230&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 26/03/2023.

PENNYCOOK, A. (2006) Uma lingüística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). **Por uma lingüística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, p. 67-84.

STAKE, R. E. **The art of case study research**. Sage Publications, 1995.

UNESCO. **Declaração de Salamanca**. Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>> Acesso em: 09 jan. 2023.

URZÊDA-FREITAS, M. T. de. Educando para transgredir: reflexões sobre o ensino crítico de línguas estrangeiras/inglês. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 51, p. 77-97, 2012.

Contato das autoras:

Autor: Márcia Aparecida Silva
E-mail: sillva_marcia@hotmail.com

Autora: Raquel Pereira Gonçalves
E-mail: raquelpg.lettras@gmail.com

Manuscrito aprovado para publicação em: 20/12/2024